

—O nosso camarada António Ramos de Almeida iniciará num dos próximos números de «Sol Nascente» a publicação de uma série de artigos subordinados ao título geral de «Novas directrizes».

—A «Marânus» do Pôrto acaba de editar o livro «Poemas», de J. D. Passos Pinto.

—Amorim de Carvalho, que como crítico tem mantido uma atitude de louvável independência, publicou há pouco «Destino», um livro de poesias. A edição é da Livraria Tavares Martins, do Pôrto.

—Anuncia-se para breve um novo livro de Assis Esperança intitulado «Gente de Bem» que a livraria Guimarães & C.ª editará.

—Pela mesma editora saiu este mês o primeiro livro que se publica em Portugal sobre as doutrinas fundamentais do cinema. Intitula-se «Horizontes de Cinema» e é seu autor Roberto Nobre. Foca, entre outros, os seguintes problemas: «Estética dinâmica», «Importância dos ritmos em cinema», «Diferenciação do cinema sonoro», «Os desenhos animados», «Para onde vai o cinema», etc.

—Saliu o N.º 68 da revista «Portucal», que se publica no Pôrto sob a direcção de Claudio Basto e Pedro Vitorino. Traz colaboração de Ricardo Jorge, Vaz Ferreira, Moisés de Milne, António Pinho, Eugénio Amorim, Sebastião Pestana, Amorim de Carvalho, etc.

—Ferreira de Castro prepara, para ser editado pela livraria Guimarães, um novo romance que, possivelmente, se intitulará «Hipótese».

—Rodrigues Júnior, que se encontra em Moçambique, publicou um livro de ensaios subordinado ao título «Homem, Trabalho e Salário».

—«Ao Sol Pôr» é o título de um livro de versos de Emílio Loubet Bastos (Milo) e Abel dos Santos Ferreira. Dêle nos dizem os autores: «não é uma obra genial onde residam maravilhas literárias, mas sim um modesto livro de dois principiantes que, desejosos de aprender, cometem a audácia de o trazer a público».

—Foi publicado um folheto de Carlos Passos—«Linguagens Literárias»—I-A do livro «Fátima» do Sr. Antero de Figueiredo—em que o autor analisa a prosa e o estilo do maior escritor da Foz, como êle diz.

c r í t i c o a

Primeiramente a China foi, para mim, a dos mandarins pódres de oiro dormindo somolenta, de longos bigodes pendidos, sobre uma civilização milenária; o doce paraíso das sêdas e das côres suaves, dos grandes pagodes marcheados a vermelho e oiro. A minha primeira China estava pendurada numa parede da casa de jantar—uma China de bilhete postal ilustrado da minha idade ingénua.

Arripiaram-me os horrores do «Jardim dos suplicios», vi-brei com as histórias de piratas de Salgari e, mais tarde, já um homenzinho, li os primeiros pensamentos de Confúcio.

Mas, quando veio Fu-Man-chú com a sua corte de mistérios, sorri: a China já não era postal ilustrado, Kimono de sêda, sedução de aventuras misteriosas, Buda dormindo sobre uma civilização milenária; já não era o Dragão Negro lutando com o Dragão Verde. A China era um corpo vivo, deste mundo. Lera Mal-raux; tomei contacto com as forças que, na China, lutavam na vanguarda pela emancipação do povo chinês debatendo-se nas garras dos capitalistas europeus e americanos. Compreendi que havia duas Chinas irreductíveis: uma, aquela de que eu conheci uma caricatura, a outra uma China Nova emergindo do desespero e da agonia, plena de combatividade e de amor humano.

Em «La condition humaine» ou em «Les conquérants» aprendemos a compreender a cidade chinesa do Moral onde o povo tomou um contacto profundo com o mundo europeu, onde ao lado da cidade chinesa, velha e tortuosa, existem os grandes bairros europeus das concessões internacionais, e sentimos cres-

Ainda não há muito aqui dissemos, ao criticarmos um livro de história económica, que a história para que caminhamos é a história humana. O trabalho que acabamos de ler é mais um elucidativo exemplo da nossa afirmação. O seu autor não se limitou a dar-nos a história política ou a história económica da revolução de 79: passou perante os nossos olhos o filme dessa revolução, no ambiente histórico total do fim do século XVIII em França.

A revolução francesa, como todas as revoluções, tem aspectos bons e aspectos maus. «A história»—escreve Jean Pons—é um arsenal e não é difícil fazê-la servir a fins de

Terra Bendita

de Pearl S. Buck.
Edições Inquérito

cer a ânsia de libertação correndo, como um estremeclimento nervoso neste imenso corpo, dos estudantes aos operários, de cidade em cidade.

Naqueles romances sabemos que algo de inédito surge. Existem ainda duas mentalidades—uma tradicionalista, acreditando completamente nas forças do puro espirito, a de Gisors e de Tcheng-Dai; outra, a de Chen e Hong, assentando num desespero sempre presente, amarquista e generosa, terrorista—mas superando estas uma nova mentalidade constructiva, a de Kio, plena de segurança do caminho a seguir e do modo de agir.

Ai aprendi eu a conhecer a China das cidades como disse, mas as ideias que tinha sobre a China primitiva dos campos e do interior não tinham a mínima consistência antes de haver lido este grande documento humano e grande romance dum povo que é a «Terra Bendita».

«Terra Bendita» é o romance duma família de camponeses, vivendo do seu campo, alegre quando a seara é boa, desesperada quando vem a seca ou a inundação. Se não fôra o ambiente, o pitoresco do diálogo, poderia localizar-se «Terra bendita» em qualquer país; o sofrimento, a humilhação, a desgraça, são universais. Aqui como além o mourejar de sol a sol por um magro alimento; aqui como além, os partos sem assistência, a maternidade sem protecção, as aldeias sem higiene, a casa grande dominando a economia da região.

La Révolution Française et l'avenement de la Bourgeoisie,

por Jean Pons, Rabat, 1938

partido: em todos os tumultos se encontra o bem e o mal, a virtude e o vício, o heroísmo e a covardia, a generosidade e a cupidez; e tudo isto em todos os meios e em todos os campos». A história é realmente um arsenal onde muitas vezes se vão buscar justificações para as atitudes mais absurdas. Há casos em que a vontade de encontrar na história uma justificação é tal que se chega a adulterar completamente a verdade his-

Isto nos dá a primeira parte do livro, depois a seca arruinando o campo, o êxodo do camponês para a cidade e na cidade a mesma miséria, o mesmo combate sem trégua por uma fome de pão. Um dia começam correndo vozes entre a multidão. Na frente dum movimento triunfante os ricos fogem, e os miseráveis assaltam as casas ricas. Num desses assaltos O-lan, a mulher do camponês, que fôra escrava numa grande casa e sabe onde as concubinas escondem os seus tesouros, encontra um sacco de joias. E' isto que lhes permite voltar para a sua terra e comprar mais terras, sempre mais terras. Com a riqueza Wang-Lung abandona a sua vida simples, os filhos são já comerciantes e doutores e ao morrer fica já a certeza de que a terra passará a outras mãos.

Fica dado em largos traços o argumento do romance. Contá-lo mais pormenorizadamente é impossível porque os detalhes se importam e era um nunca mais acabar.

O estilo do romance é duma grande simplicidade e o diálogo duma verdade que se impõe linha após linha; a descrição rica, sem floreios ou lamechices. Ficou-nos a impressão de que só uma pessoa vivendo, como Pearl S. Buck, a maior parte da sua vida na China e com dotes excepcionais poderia escrever um livro tão verdadeiro e tão impressionante.

Terminando, saudamos a Editorial Inquérito pela sua iniciativa de traduzir para portugueses alguns dos melhores romances estrangeiros. Merece o carinho do público e os aplausos da crítica. A tradução de Fernando Monteiro correcta.

JOAQUIM NAMORADO

tórica. Assim, por exemplo, da revolução dos comuneros colombianos de 1789, levada a cabo por miseráveis populações indígenas e claramente determinada por motivos económicos, dizem historiadores oficiais, em textos premiados com diplomas e medalhas de ouro e destinados às escolas, que ela merece o respeito da posteridade por ter sido uma luta «em defesa do direito de propriedade que faz o homem livre».

Em Jean Pons não encontramos aquela pretendida imparcialidade dos autores que se negam a pronunciar-se sobre os factos, mas que fazem falar os factos, tantas vezes

(Continua na página seguinte)